

SER DONO DO SEU TEMPO
(ALFREDO, 23)



Em cada manhã sentia-se como Sara, em "Les petits chevaux de Tarquinia": "ela passava as manhãs a sair penosamente das suas noites"... Não que a prendessem sonhos ou que a retivesse o conforto da cama. Mas surgiam-lhe, desordenadas e imperativas, as tarefas que na véspera assinalara como obrigatórias. Misturavam-se no seu espírito ainda mal desperto as coisas do dia e das semanas e dos meses e os compromissos que assumira e que preenchiam o seu calendário. Era um caleidoscópio de coisas diversas em que se revelavam em diversas cores e formas a melopeia interminável de "tenho de fazer isto..., tenho de... tenho de...". E tinha medo. Sabia que o dia traria também o inesperado e que riscaria de um traço o que tão logicamente encadeara. E o medo intensificava-se. Conhecia sobejamente a angústia de escolher entre o planeado e o inesperado. Ficava-lhe sempre a dúvida sobre o acerto da decisão. E o tempo vivido era sempre diferente do tempo antecipado.

Desenvolvera em toda a sua vida uma distância constante face à instituição. Era o acontecimento que a prendia, que a tomava toda, que a levava a ler o que com os seus fundamentos se ligava. E reconhecia que nessa leitura e interpretação do acontecimento exprimia o que em si era mais autêntico, o que no concerto das vozes múltiplas soava diferente. Paradoxalmente esteve muitas vezes dedicada à instituição, aos seus ritmos e ritos. Em outros momentos a própria reforma das instituições encheu-lhe o tempo todo. Sempre na expectativa de um acontecimento que transformasse a instituição, que a tornasse ao mesmo tempo mais leve e mais profunda. E talvez a sua sede do vário, do diverso, não fosse mais do que o desejo do descanso no inédito a que a rotina inevitavelmente a conduzia,

Fundação Cuidar o Futuro

Descobria-se, no entanto, sujeita a lógicas que não nasciam do que pensava ser a liberdade. Até que se descobriu feita de responsabilidade e nesse momento deixou de dar prioridade ao livro que queria ler, ao encontro que lhe apetecia, à carta que a esperava, ela que durante a maior parte da sua vida escrevera cartas a contar os sentimentos, a elaborar ideias. Mas a mudança de perspectiva não a libertou, antes a carregou com o peso óbvio da sua incapacidade de construir e de gerir a infra-estrutura que tornasse possível o trabalho a um tempo responsável e livre.

Não era um debate íntimo apenas. Olhava à sua volta e via as pessoas a lutarem contra o tempo. Todas a queixarem-se de que não tinham tempo. E tantas, tantas, milhares, milhões a serem escravos do tempo, o tempo a escorrer sobre eles, a devorar-lhes tudo, a esvaziar-lhes a vida de sentido e de sonho. Dedicava-se então a tentar encontrar novas formas de trabalho. Mas o trabalho se, para a grande maioria tinha de ser aguentado como condição de subsistência, para as classes dominantes (do ter, do poder e do saber) tornara-se uma aplicação acrítica da ideologia do "sempre mais". E aí encontrava uma servidão que, sabia-o pelo fatalismo do mimetismo sociológico, se iria propagar e alastrar até às camadas mais destituídas da sociedade. Revoltava-se e procurava saídas,

conceptuais e práticas. Defendia então ferozmente o direito de cada um "ser dono do seu tempo" o que equivalia a cada um ser "dono do seu trabalho".

E as teorias nos anos 80 e 90 confirmavam essa sua intuição. Via o trabalho com um núcleo de saberes e técnicas transferíveis, a descoberta do que alguns chamavam "le métier intérieur", esse apelo íntimo que transcendia a rigidez do mercado do trabalho e a aptidão escolar obtida, permanecendo como um apelo vindo de longe e a nostalgia "do que poderia ter sido", tivera a vida sido diferente. O que cada um fazia não era alheio ao tempo que nessa tarefa ocupava. Por isso, na sua teoria sobre o trabalho, a diversidade de escolhas de tempo eram tão importantes como o eram as escolhas da profissão. E nessa tarefa a podemos ver ainda hoje ...D.Quixote

Não estava escrito o que imaginava e dizia? Muitas vezes não. Em momentos diversos da sua vida a multiplicidade das ideias - intuições, sínteses, correlações - parecia exigir-lhe que deixasse tudo para trás e escrevesse, escrevesse o que lhe atravessava o espírito. Mas à medida que, fruto da escassez do trabalho, aumentavam na sociedade os graus académicos, mais repugnância lhe deixavam os escritos cheios de notas e referências. Gostava de chamar os autores mas no corpo mesmo do texto quando a verdadeira autoria (o direito de autor) era incontestavelmente de quem era citado. De outro modo, rejeitava as bengalas arrumadas em fim de capítulo ou em nota de rodapé que lhe apareciam como uma instrumentalização indevida do outro.

Mas tão pouco lhe parecia impossível escrever ao correr da pena. Quando escolhera o ramo das ciências e não das letras (apesar de, na contabilidade escolar, a sua aptidão ter sido objectivamente idêntica) fê-lo na convicção de que não era criativa na escrita onde o trabalho individual aparecia na sua nudez. As ciências seriam um trabalho de conjunto onde já se vencera o cabo do trabalho isolado e seriam assim o domínio onde poderia seriamente dar o melhor de si perdida no anonimato do colectivo.

Até que gradualmente se impôs a escolha entre a comunicação oral e a comunicação escrita. Desconhecia a razão do êxito da comunicação oral. Apenas sabia que ela tocava quase todos os públicos por uma subtil alquimia de palavras, convicções, episódios, denúncias claras, propostas, histórias de que fora protagonista ou testemunha, e aquele impulso que lhe tornava possível a palavra e que lhe vinha da certeza de que há sempre um futuro aberto. Cada intervenção pública era uma ocasião de mais investigação no tema que lhe confiavam. Estava longe de ser uma professora - não conseguia repetir fundamentos obrigatórios nem caminhos clássicos. Passava dias a articular de forma nova e a descobrir novos aspectos das questões que lhe eram postas. O treino de investigação que tivera nos primeiros dez anos da sua actividade profissional tornavam cada trabalho um gosto. Mas não era capaz de dar forma escrita a tudo isso e os textos - expurgados do que os fizera situados e pertinentes - ficavam exsanguês, coisas sem vida, cana já queimada e inútil do fogo de artifício de um momento. Mas havia



ainda outra razão: as exigências das tarefas dos últimos 30 anos pediram-lhe uma quase contínua comunicação oral e sempre que lhe chegava o pedido da versão escrita já a encontrava empenhada no tema seguinte...

O que ficou de tudo isso? Foi dona do seu tempo?

- a geração da transição, entre o trabalho quase artesanal e os meios electrónicos de hoje
> u^F@8

Fundação Cuidar o Futuro